



5211 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT12 - Currículo

CURRÍCULO COMO ENUNCIÇÃO CULTURAL: UM DIÁLOGO COM HOMI BHABHA
Adria Simone Duarte de Souza - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Currículo como Enunciação Cultural: Um diálogo com Homi Bhabha

Resumo

Esse trabalho objetiva discutir a concepção de cultura como enunciação e refletir as relações que essas proposições trazem para a discussão curricular. Bhabha é reconhecido por suas análises que refletem os conflitos sociais fugindo da lógica binária de análise e seus estudos vinculam-se aos estudos pós-coloniais. Sobre a enunciação cultural, Bhabha entende que este cultural carrega a perspectiva híbrida e ambivalente, onde essa produção se dá nos excedentes, na soma das partes da diferença. A partir das contribuições do autor pensamos a produção curricular como um diálogo intersticial, intermédio que se manifesta no terceiro-espaço como processo de produção de sentidos, sempre híbridos, como produção de diferença, posto que o diferir é característico dos movimentos instituintes, dos processos enunciativos e da cultura.

Palavras-Chave: Currículo, Enunciação Cultural, Homi Bhabha.

Introdução

O trabalho de Bhabha é reconhecido por suas ideias que buscam refletir os conflitos sociais fugindo da lógica binária de análise. Seus trabalhos vinculam-se aos estudos pós-coloniais que segundo Costa (2006), não se apresentam como uma matriz teórica única. Estabelece-se por uma variedade de contribuições com orientações distintas e características comuns, delineando “pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes de modernidade” (p.117).

Os estudos pós-coloniais contam com a contribuição de autores como intelectuais da diáspora negra ou migratória, fundamentalmente imigrantes provenientes de países pobres da Europa Ocidental e da América do Norte, assim, a perspectiva pós-colonial teve como áreas desbravadoras de difusão, primeiramente na crítica literária, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Posteriormente, amplia-se tanto geograficamente, quanto disciplinarmente. As referências na área dos estudos pós-coloniais, além dos trabalhos de Homi Bhabha, Edward Said, Gayatri Spivak, Stuart Hall e Paul Gilroy.

A abordagem pós-colonial constrói, sobre a evidência - diga-se, trivializada pelos debates entre estruturalistas e pós-estruturalistas - de que toda enunciação vem de algum lugar, sua crítica ao processo de produção do conhecimento científico que, ao privilegiar modelos e conteúdos próprios ao que se definiu como a cultura nacional nos países europeus, reproduziria, em outros termos, a lógica da relação colonial. Tanto as experiências de minorias sociais como os processos de transformação ocorridos nas sociedades “não ocidentais” continuariam sendo tratados a partir de suas relações de funcionalidade, semelhança ou divergência com o que se denominou centro. Costa (2006, p.117)

A partir do diálogo com a literatura de Bhabha, esse trabalho objetiva discutir a concepção de cultura como enunciação e refletir as relações que essas proposições trazem para o currículo, intentando com o autor a abertura “de um âmbito intersticial, intermédio, um espacio y un tiempo de terceridad”.(p.31) e assim pensar a produção curricular.

Terceiro Espaço

Bhabha debate o desafio entre o global e o local e seus textos unem-se pela ideia do pós-colonialismo, discutindo a questão do reconhecimento, além de redefinir a necessidade dos direitos humanos a partir das discussões de cidadania e da elaboração de estratégias de subjetividades singulares e/ou coletivas que irão disparar políticas de reconhecimento.

A ideia de fluxos culturais em Bhabha (2013) surge a partir da construção dos sujeitos nesses fluxos, refletindo sobre como o discurso público tende a representar, por exemplo, o lugar dos trabalhadores imigrantes e refugiados, em termos de marginalidade, mas esses sujeitos estão localizados em um lugar social intersticial.

Suas novas idéias sobre o terceiro espaço Bhabha (2013, p. 79) pontua a vinculação ao contexto das demandas éticas, ancoradas em um universalismo que ele denomina “cosmopolitismo vernacular”, que é o lugar da enunciação de um compromisso com os direitos do outro, um lugar onde se demanda uma decisão ético-política, sobre a necessidade de articular novos direitos.

Nessa perspectiva, como pontua Frangella (2006) o terceiro espaço apresenta-se, como “momento interticial” que se traduz por meio da negociação, da contradição e da ambivalência. Bhabha (2013) problematiza a concepção da cultura como dado performático que se manifesta na iteração que até pode caracterizar-se pela repetição, mas essa repetição nunca é a mesma, visto que a cada performance se produz um novo sentido. “La especificidad de la significación no puede ser reproducida en un sentido imitativo; sólo puede ser representada como una reiniciación iterativa de sentido”(p.82).

Bhabha (2013, p.24) aprofunda a discussão do “terceiro espaço” ao apresentar a ideia de “comunidade paradójica” a partir da contribuição de Kristeva, onde os ocupantes dos interstícios entre ideias e identidades emergentes estão condenados a seguir “sendo o mesmo e o outro” e compara essa “trama de pertencimento” a elasticidade e resistência de um tecido. Assim, não tendo um rompimento total fez surgir espaço intermediário que Bhabha chama de “terceiro espaço”, espaço de negociação de movimento que dispara as políticas diferenciais.

Na (re)localização da cultura a discussão em Bhabha (p.89), pontua que essa é uma operação que se desenvolve a partir da ideia de interpretação cultural não como a mera conciliação e somatória, mas como rasura, uma vez que o sentido é (re) elaborado nos espaços das fronteiras culturais.

Cultura como Enunciação

Para Bhabha a cultura é uma estrutura de significação, onde se destacam os processos híbridos pelos quais esta se constitui o que coopera para o endossamento da compreensão acerca do currículo que buscamos construir .

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um entre-lugar contingente, que inova e interrompe o atual; o do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27).

A ideia de cultura em Bhabha opera como uma prática de significação, como o próprio ato da enunciação, assim, não existe fixação de sentidos de determinada cultura especificamente, para o autor, o que há são produções de sentidos imprevisíveis, que a cada momento são vivenciados, incorporados e ressignificados.

(...) nenhuma cultura é completa em si mesma, nenhuma cultura se encontra a rigor em plenitude, não só porque há outras que contradizem sua autoridade, mas também porque sua própria interpelação no processo de representação, linguagem, significação, e constituição de sentidos, sempre sublinha a pretensão a uma identidade originária, holística e orgânica. (Bhabha, 1996, p.36).

Refletindo a ideia da cultura como enunciação, o autor, parte do poema de Adrienne Rich sobre as minorias globais e discute que “La angustia nos permite conectarnos con una memoria del pasado, al tiempo que luchamos por elegir un camino en medio de la tumultuosa historia del presente.” (p.100), nessa perspectiva de uma temporalidade disjuntiva, não existe uma história a ser preservada, a cultura contrói-se por meio de negociações e traduções que se dão a partir da produção de sentidos, das parcialidades, das fronteiras borradas.

Bhabha explica que “o cosmopolita vernáculo” entende-se nos interstícios de uma economia política e o sistema não poderia funcionar sem ele, essa postura implica a responsabilidade de configurar direitos capazes de dar conta desses espaços intersticiais e traduzíveis de agência.

El cosmopolita vernáculo (...) entiende que el compromiso con un “derecho a la diferencia en la igualdad” como un proceso de constitución de grupos y agrupaciones emergentes tiene menos que ver con la afirmación o el reclamo de autenticidad de determinados orígenes e “identidades” que con prácticas políticas y elecciones éticas.” (2013, p. 98)

Ao se deparar com o outro, nos espaços intersticiais, os “cosmopolitismos vernáculos” indagam como os direitos devem ser criados não a partir das agências, mas de um lugar de enunciação minoritária, uma vez que o Estado não é capaz de “absorvê-lo completamente” em seus espaços de igualdades universais (p.37).

A concepção de diferença que Bhabha propõe afasta-se de uma visão pluralista, ao contrário, é experiência radical, produção contingente e ambivalente onde a homogeneização, a apreensão não se torna possível, a interpretação cultural exige negociação e tradução. Frangella (2006, p. 03)

A tradução se apresenta como um espaço de negociação que constitui as condições discursivas da enunciação e garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos e (re) historicizados de outro modo em um processo de hibridização (p.82).

Ainda refletindo sobre temporalidade e tradução, novamente Bhabha (2013, p. 79) lança mão da literatura e discute a ideia do terceiro espaço a partir do livro inglês “El corazón de las tinieblas” de Joseph Conrad, onde a partir da narrativa dos personagens, o autor explica o terceiro espaço a partir de um caráter simbólico e ambíguo por meio da interpretação do signo. (p. 85).

Currículo como Enunciação

Para refletir as relações que as contribuições de Bhabha trazem para a discussão curricular, parte-se da perspectiva do currículo como enunciação cultural. Macedo (2012) defende a ideia de currículo como instituinte de sentidos, como enunciação da cultura, como espaço indecível em que os sujeitos se tornam sujeitos por meio dos atos de criação (p.735-736)

A ideia da indecidibilidade, em si já implica muitas situações e uma delas é a questão da produção de sentido, pois o indecidível impossibilita a ideia de significado inerente. Assim, pensar o currículo como enunciação é apontar para o impasse, a aporia, o paradoxo.

No terceiro espaço tradutório, todo e qualquer sentido — motivados e deliberados — só surge no ato mesmo de enunciação, que, Bhabha (2013) sugere, poderia ser “o agente ético do reconhecimento” (p.27). Por ser a “performance (...) de um discurso ‘sem garantias’” (p.29), a enunciação está sempre aberta a alteridade, obrigando à negociação constante com essa alteridade (que nos constitui). Macedo (2017, p.552)

Nessa perspectiva, a construção do currículo como enunciação cultural põe em questão a autoridade da cultura como conhecimento referencial e permite que ela surja como diretriz para falar da diferença.

Conceber o currículo enunciação envolve a negociação de posições ambivalentes de resistência. Nesse sentido, o cultural não pode ser compreendido como elemento de conflito entre culturas diversas, mas como práticas em que se produzem as diferenças.

Pensar o currículo como um território em que se travam disputas em torno dos significados, assim, rompe-se com visão do currículo como algo que transporta conteúdos de transmissão e absorção, mas sim um lugar em que, ativamente, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura.

Essa discussão aponta para o entendimento do currículo como processo de produção de sentidos, sempre híbridos, permitindo falar da diferença, pois não uma diferença específica em si, o diferir que é próprio dos movimentos instituintes, das enunciações e da cultura. (Macedo, 2012, p. 736)

Conclusão

Ao discutir a cultura como prática de significação, como ato de contínua enunciação, não havendo fixação de sentidos para determinada cultura. Compreendemos que a cultura se constrói por meio de negociações e traduções que se dão a partir da produção de sentidos. É importante reiterar que as contribuições de Bhabha operam na perspectiva do currículo como uma política cultural, caracterizado pela contingência e percebido como a própria luta pela enunciação do que vem a se constituir como currículo e que se dá nos interstícios ou no terceiro espaço.

Referências

BHABHA, Homi K. **Nuevas Minorías Nuevos Derechos: Notas sobre Cosmopolitismo Vernáculo**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

_____. **O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 24, p34-41, 1996.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a Sociologia: A contribuição pós-colonial. Revista brasileira de Ciências Sociais. vol.21 no.60 suppl.60 São Paulo Fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092006000100007> Acesso em 02.jan.2019.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Currículo como local da cultura: enunciando outras perspectivas em diálogo com Homi Bhabha. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_12.html>. Acesso em 14.jan.2019.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. *Cad. Pesqui.* [online]. 2012, vol.42, n.147, pp.716-737. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742012000300004&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 14.jan.2019.

_____. Mas a escola não tem que ensinar?: Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v. 17, n. 3, p. 539-554, set./dez.2017. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/macedo.pdf>. Acesso em 20.jun.2018.